

PRONUNCIAMENTO DO PRESIDENTE DA CNI, ROBSON BRAGA DE ANDRADE, NA SOLENIDADE DE ABERTURA DO 11º ENCONTRO NACIONAL DA INDÚSTRIA (ENAI), EM BRASÍLIA. 3.7.2018.

Excelentíssimo Senhor Presidente da República, MICHEL TEMER.

Senhoras e Senhores,

Sejam todos muito bem-vindos.

A participação de Vossa Excelência neste Encontro Nacional da Indústria (ENAI), presidente TEMER, é mais uma demonstração da sua especial atenção ao setor produtivo e à indústria brasileira em particular.

Desde o início do seu governo, Vossa Excelência nos propiciou várias oportunidades para apresentarmos as propostas e as preocupações do setor industrial.

Diversas vezes, Vossa Excelência ouviu o setor industrial em reuniões com os presidentes das Federações das Indústrias, acompanhados de grupos de empresários de seus estados.

(Versão 5, 28.6.2018, 10h36)

Cumprimento, portanto, Vossa Excelência, pela disposição ao diálogo com o setor produtivo, bem como pelas essenciais ações adotadas no seu governo, que têm contribuído para recolocar o Brasil no rumo do crescimento.

Com satisfação, também cumprimento os presidentes das Federações das indústrias, os dirigentes e presidentes das associações nacionais e de sindicatos de todo o país, os empresários e os convidados, que nos honram com sua presença.

O momento em que se realiza o *11º Encontro Nacional da Indústria (ENAI)* é singular. Ocorre às vésperas das eleições de 2018, ocasião em que os brasileiros escolherão o presidente da República, os governadores estaduais e os membros do Congresso Nacional que decidirão as políticas do país entre 2019 e 2022, ano do bicentenário da nossa independência.

As eleições serão um momento decisivo. Se fizermos as escolhas corretas, poderemos colocar o Brasil na rota do crescimento e do bem-estar. Se repetirmos erros do passado, o país continuará na rota da incerteza e do baixo crescimento.

Não podemos ser complacentes com o nosso destino. Se a economia brasileira mantiver a taxa de expansão dos últimos 10 anos, de apenas 1,6% anuais, levará meio século para alcançar a atual renda *per capita* de países desenvolvidos.

O Brasil pode fazer muito mais. Com reformas econômicas e institucionais, como as sugeridas no nosso *Mapa Estratégico da Indústria 2018-2022*, poderemos crescer o dobro da taxa dos últimos anos e reduzirmos, de forma expressiva, o fosso que nos separa das nações mais avançadas.

Nos últimos dois anos, a CNI avaliou – com a ajuda dos seus conselhos, do Fórum Nacional da Indústria (FNI) e das Federações estaduais – a agenda que precisamos apresentar à sociedade e ao mundo político com vistas às eleições de 2018.

O *Mapa Estratégico* é o roteiro para a construção de uma indústria competitiva, inovadora, global e sustentável. O documento foi desdobrado em 43 detalhados estudos sobre temas centrais para a competitividade do setor produtivo e do Brasil.

Na construção do Mapa, observamos as transformações no Brasil e no mundo. O fato é que temos velhos e novos desafios – uns ainda do século 20 e outros, do século 21.

Ainda continuamos enfrentando velhos problemas, como: sistema tributário anacrônico e ineficiente, infraestrutura precária, educação de baixa qualidade, financiamento caro e relações de trabalho que, só recentemente, passaram por modernas adaptações.

O que a indústria sempre afirmou sobre os efeitos negativos do sistema tributário para os investimentos e as exportações, por exemplo, está sendo, agora, compreendido pela sociedade e pelos políticos. De todas as nossas disfunções, essa talvez seja a que mais reduz o nosso potencial de crescimento.

É um problema grave, pois também afeta a qualidade da governança, a capacidade de integração com o mundo e o ritmo de expansão para o conjunto da indústria.

Essas distorções ficam evidentes pela grande demanda por regimes especiais de tributação e pelo legítimo pedido pela manutenção do Reintegra, como fator de correção dos efeitos indesejados da cumulatividade de tributos.

Se o nosso sistema tributário seguisse o padrão mundial, essas demandas não precisariam existir, o que propiciaria uma política industrial mais focada em questões relevantes, conectadas com a produtividade e a transformação produtiva.

Sem as deturpações existentes, haveria isonomia competitiva dos nossos produtos tanto no mercado externo como internamente na competição com os importados.

O Brasil não pode mais esperar. Além de equilibrar as contas públicas, com a mudança das regras da Previdência Social, o grande desafio do próximo governo será mesmo o de viabilizar a reforma tributária. Isso não se fará sem liderança política.

Senhoras e Senhores,

Esses antigos temas vêm sendo fortemente acompanhados pela **insegurança jurídica**, que se transformou em questão central do nosso conjunto de propostas.

A elevada insegurança jurídica, que permeia a tributação, as relações de trabalho, a regulação da infraestrutura e a atividade de empreender, tem um custo para o país, ainda não devidamente avaliado.

Isso gera uma incerteza sobre o presente, o passado e o futuro. É paralisante e, pela sua dimensão, equivale a uma crise de governança.

Não por outra razão, escolhemos a **governança** como o tema do nosso primeiro painel e convidamos o ex-presidente FERNANDO HENRIQUE CARDOSO, o executivo PEDRO PARENTE e o jurista JOAQUIM FALCÃO para contribuírem nessa discussão.

Na raiz desses problemas, está o próprio sistema político. Como governar em um modelo tão fragmentado e com tantas distorções? A experiência do ex-presidente FERNANDO HENRIQUE, embora num ambiente partidário menos fracionado do que o atual, será muito útil para a nossa reflexão.

A insegurança jurídica nasce já no processo de formação das leis, durante o debate no Congresso Nacional. Ela é fruto, ainda, das crescentes tensões entre os Poderes da República e de disputas políticas, com enormes custos para a economia e a sociedade.

A CNI está colaborando para a solução desse problema com propostas sobre segurança jurídica, inclusive na área de infraestrutura.

O ambiente de negócios prejudicado pela insegurança jurídica paralisa o Brasil e corrói a sua produtividade. Gestores têm receio de agir. Projetos são atrasados, interrompidos ou até mesmo cancelados. É incalculável o quanto isso custa para a sociedade.

No conjunto de problemas que surgiram nas nossas discussões, há um que cresceu também em intensidade: a **segurança pública**.

Além dos efeitos sobre a cidadania, a falta de segurança nas ruas e nas estradas brasileiras reduz a competitividade, pois eleva custos com escoltas, seguros e fretes, e cria obstáculos à mobilidade e aos investimentos. Esse é um tema prioritário, que angustia cidadãos e imobiliza empreendedores desde o século passado.

Mas é preciso nos prepararmos para a agenda do século 21. A nova revolução industrial, chamada de **Indústria 4.0**, está, verdadeiramente, às nossas portas.

Aqui ao lado, poderemos conhecer a simulação de uma cidade inteligente, preparada pelo SESI e pelo SENAI, que demonstra como a Indústria 4.0 afetará as nossas vidas no futuro.

Nós estamos participando desse novo paradigma. A CNI recentemente concluiu o estudo *Indústria 2027*, que faz um amplo diagnóstico das tendências, competências e oportunidades para o Brasil nesse cenário renovado.

As instituições do Sistema Indústria estão se preparando para essa quarta revolução industrial.

Nos últimos anos, criamos uma rede nacional de 25 Institutos SENAI de Inovação, 58 Institutos SENAI de Tecnologia e 8 Centros de Inovação do SESI em todo o país, com apoio financeiro do BNDES.

Esses institutos e centros têm o potencial de desenvolver todo um novo ecossistema de inovação para a indústria. Em várias dessas unidades, há uma nova geração de empreendedores sendo gestada.

O SENAI já tem mais de 187 pedidos de registro de patentes no Instituto Nacional da Propriedade Industrial (INPI) e 498 projetos em carteira nos Institutos de Inovação.

Essa transição da indústria para um novo patamar pressionará ainda mais o sistema educacional. Um dos desafios que teremos, nos próximos anos, é o da implementação da reforma do ensino médio. Temos que ser firmes na implantação dessa iniciativa, que,

entre outros avanços, dá a devida valorização ao ensino profissional.

Melhorar a qualidade da educação e aproximá-la da realidade dos jovens são fatores fundamentais para aumentar a competitividade do nosso país.

Senhoras e Senhores,

A indústria tem dado a sua contribuição ao processo eleitoral. Dialogamos com os candidatos e suas assessorias, apresentamos propostas concretas aos presidentiáveis e, amanhã, teremos a oportunidade de debater com seis deles.

Este não é momento para omissões. Adotamos uma atitude proativa. Em alguns temas, apresentamos as sugestões na forma de atos normativos e projetos de lei. Assim, oferecemos ao Executivo e ao Congresso propostas concretas, que estão prontas para serem implementadas.

Recomendamos desde soluções pontuais, de fácil execução, até reformas mais complexas, que demandam alto grau de negociação política.

Mais do que no passado, teremos que investir na mobilização empresarial para apoiar as reformas. Além de ser um termômetro dos nossos problemas, anseios e expectativas, este encontro é um momento de articulação e mobilização.

Como essa edição do ENAI ocorre antes das eleições, o trabalho de difusão da nossa agenda deve ser continuado pela ação de nossas bases.

Precisamos entrar em contato com candidatos ao Executivo e ao Parlamento em todos os estados, bem como com lideranças da sociedade civil, para mostrar a importância da agenda da indústria para o país.

Sabemos que a indústria é o principal motor do crescimento nacional. Graças ao seu efeito multiplicador, a cada real produzido pelo setor industrial, são gerados R\$ 2,32 para a economia brasileira como um todo. A título de comparação, a agricultura gera R\$ 1,67; e o setor de serviços, R\$ 1,51 por real produzido.

Embora represente 21% do PIB, a indústria brasileira responde por 51% das exportações brasileiras, 68% dos investimentos privados em pesquisa e desenvolvimento, e 32% da arrecadação de tributos federais. Além disso, gera 10 milhões de empregos.

Mas a importância da indústria vai muito além desses números. Ela tem um papel estratégico para a dinamização de todo o setor produtivo brasileiro, como ofertante e demandante de tecnologias.

A indústria é, também, a principal geradora de inovação para os demais segmentos da economia.

É na indústria que são desenvolvidas novas e mais produtivas variedades de sementes, defensivos mais eficazes e seguros, e as modernas máquinas agrícolas que fazem da agricultura brasileira uma das mais competitivas do mundo.

É nela, também, que se agrega valor à produção agrícola, transformando-a em novos produtos e materiais, inclusive com o emprego da biotecnologia e da nanotecnologia.

É a indústria que viabiliza, como demandante, o desenvolvimento de serviços de alto valor agregado, como pesquisa, desenvolvimento, design, logística e marketing, entre outros.

A indústria é o setor que mais contribui para o crescimento da renda da população. Enquanto a média salarial dos trabalhadores com nível superior é de R\$ 5.476, a dos empregados na indústria é de R\$ 7.374.

Os trabalhadores com ensino médio recebem R\$ 1.989, em média; e os da indústria, R\$ 2.291. A diferença se deve à maior qualificação da mão de obra no segmento industrial.

Senhoras e Senhores,

O setor produtivo necessita de sinais claros e firmes de que a política econômica se movimentará na direção de maior estabilidade, de melhoras institucionais, de maior competência educacional e tecnológica, e de criação de condições para que o Brasil fortaleça, de fato, a sua indústria.

Um país próspero se faz com o aperfeiçoamento contínuo das suas instituições, e da segurança para assumir riscos e empreender.

Duas cláusulas devem ser inegociáveis: não podemos nos desviar da economia de mercado e da democracia.

Lembrem-se de que o otimismo quanto ao futuro é também elemento crucial para a consolidação de um círculo virtuoso no país.

A história deve ser um guia para nossa atuação neste complexo momento. Não faltam exemplos de países com trajetórias mais dramáticas que a nossa que se recuperaram, fortaleceram as suas instituições e, com as políticas adequadas, cresceram de forma sustentável.

O Brasil também tem exemplos de superação. Acreditamos no país. Não podemos perder o senso de direção nem a confiança na nossa capacidade de mudar.

A modernização institucional do Brasil e a melhoria da competitividade, pelo caminho do aumento da produtividade e da inovação, são as nossas bandeiras.

Estamos trabalhando para isso. É essa a direção do nosso *Mapa Estratégico* e das 43 propostas que apresentamos aos candidatos e à sociedade.

Almejamos um crescimento vigoroso e sustentado, com redução da desigualdade, com educação e saúde de boa qualidade para todos os brasileiros, e com segurança pública e jurídica.

Os debates de hoje serão um importante momento de reflexão sobre os nossos problemas e suas soluções.

Os diálogos de amanhã serão uma oportunidade para reflexão sobre a capacidade de os candidatos adotarem medidas para aumentar a competitividade da economia e propiciar a retomada do desenvolvimento econômico e social do Brasil.

Continuamos otimistas e confiantes no futuro.

Muito obrigado.